



HANUKIÁ

### PANORAMA DA ARTE JUDAICA EM GERAL

Existem diversos relatos bíblicos indicando a presença de artesãos muito habilidosos em seus ofícios. Ourives, tecelões, curtidores, tingidores, todos trabalhavam no embelezamento do Tabernáculo, na confecção das vestes sacerdotais e de seus paramentos e, mais importante, na criação da Arca da Aliança. Com a construção dos templos, primeiro em Jerusalém, depois em Samaria, pedreiros e carpinteiros foram designados para adornar esses locais sagrados com esculturas, sem que houvesse nelas qualquer caráter idólatra. Já no período dos Macabeus, floresceu o hábito da arte funerária; e a cunhagem de moedas teve desenvolvimento significativo nos períodos herodiano e de dominação romana (KANOF, 1970).

Diferente do que ocorre na arte islâmica, a arte judaica teve que refrear seus impulsos iconoclastas com o objetivo de criar uma unidade de símbolos e códigos que potencializasse a experiência religiosa. Nesse sentido, a escultura ganha novo fôlego com a introdução de animais aludidos nas Escrituras, como águias e leões. Mas foi o meio da pintura que atingiu um alto grau de sofisticação técnica, a partir da introdução da figura humana e de paisagens para fins decorativos nas sinagogas. Não é de se estranhar que essa grande mudança de paradigma tenha tido seu centro de difusão na Itália, entre os séculos XV e XVI, durante o período do Renascimento. A atuação desses artesãos, não só na vida religiosa de suas comunidades, como também no comércio com a população cristã em geral, era extremamente benéfica para todos. Tanto que, em 1492, magistrados sicilianos peticionaram ao Reino de Aragão que não expulsasse os judeus da ilha, sob o risco de enfraquecer a economia local (KANOF, 1970).

Apesar das restrições impostas pelas guildas, há registro de artesãos judeus atuando também como vidreiros, ferreiros, gravadores, encadernadores, tipógrafos e

joalheiros. Muitos desses artesãos trabalhavam a serviço de nobres e magistrados locais. Consta que a família Formiggini, de Módena, tinha em seus membros os joalheiros oficiais da Casa de Este por gerações; em sua biografia, Benevenuto Cellini relata sua experiência, aos dezesseis anos, trabalhando com um ourives judeu chamado Graziadio; dois dos cinco encadernadores a serviço da corte papal, em Avignon, eram judeus. Ao emigrarem para o Novo Mundo, especificamente para os Estados Unidos da América, essa alta especialização auxiliou o estabelecimento de uma indústria e um comércio de bens duráveis, principalmente de prata e outros metais (KANOF, 1970).

Deve-se considerar, entretanto, que o conjunto de peças que hoje compõe a maioria dos acervos de arte judaica, ao redor do mundo, provém de períodos posteriores à diáspora judaica, e muito além. Devido às circunstâncias históricas que cercam o povo judeu – como o confisco constante de bens, restrição à propriedade e exílios forçados – não se encorajava a posse de objetos ricamente adornados e que fossem difíceis de se transportar. Dava-se maior importância na conservação de livros e manuscritos que descreviam as cerimônias e os rituais, que dos objetos ritualísticos em si (KANOF, 1970).

Isso significa que muitas das peças, produzidas antes do primeiro milênio da Era Comum, estão irremediavelmente perdidas. Abram Kanof (1970) vai além, afirmando que a maioria dos objetos cerimoniais preservados hoje não tem mais do que 300 ou 400 anos. Portanto, essas peças fazem referência às tradições do judaísmo, mas em um momento histórico no qual os judeus se inseriam socialmente nos diversos países cristãos da Europa, e nos islâmicos do norte da África e do Levante. Em vista disso, parece correto inferir que essas peças possuem múltiplas significâncias. Ao mesmo tempo em que criam laços perenes de pertencimento, tanto religiosos, quanto culturais, essas peças cerimoniais mostram o quanto as comunidades judaicas buscavam integrar-se ao cotidiano das localidades onde residiam (GUTMAN, 1964; KANOF, 1970). Esta perspectiva será muito benéfica ao analisar uma das peças cerimoniais judaicas presentes no acervo da Casa Museu Eva Klabin: a Hanukiá.

## **AS CELEBRAÇÕES DO HANUKÁ E A HANUKIÁ DA COLEÇÃO EVA KLABIN**

Hanuká, ou Chanucá, é o chamado Festival das Luzes e celebra a vitória do líder judeu Judas Macabeu sobre o rei selêucida Antíoco IV Epifânio e a subsequente reconsagração (*hanukat*) do Templo de Jerusalém, que havia sido vilipendiado pelos gregos. De acordo com o relato de Flávio Josefo (1990), ao chegar ao Templo, Judas

Macabeu guarneceu as muralhas com seus soldados, construiu novos portões para a fortaleza, colocou uma mesa com um novo candelabro, e um novo altar de ouro, e ordenou que o antigo altar de pedra fosse derrubado e refeito com pedras novas. Após essas providências, Judas Macabeu ordenou uma grande celebração, que durou oito dias. Josefo assim descreve as festividades:

Eram festins e banquetes públicos: o ar ressoava com os hinos e cânticos que se elevavam em louvor a Deus e a alegria foi tão grande, por se ver, depois de tantos anos, quando menos se esperava, a restauração dos antigos costumes de nossos pais e a prática de nossa religião; que foi determinado que se faria todos os anos essa festa, durante oito dias. Ao depois, sempre assim se fez e chamaram-na de Festa das Luzes, porque, segundo minha opinião, essa felicidade foi como uma luz agradável que dissipou as trevas de nossos longos sofrimentos e apareceu numa ocasião, quando não a poderíamos nem sequer imaginá-la (JOSEFO, 1990, p. 291)

Ficava assim estabelecido que a festividade seria repetida anualmente, sempre na mesma data, em memória deste grande acontecimento. A tradição rabínica posterior atribui um milagre à celebração. Informa a narrativa talmúdica que, após a expulsão dos selêucidas de Jerusalém, os judeus procuravam, nos armazéns do Templo, alguma jarra de óleo que não tivesse sido violada pelos gregos. Acharam somente uma, que seria suficiente para acender o candelabro por apenas um dia. No entanto, milagrosamente, o óleo da jarra durou oito dias, tempo suficiente para que mais óleo fosse produzido. E, portanto, a partir deste milagre, contam-se os dias do Festival das Luzes como oito, iniciando no vigésimo quinto dia do nono mês do calendário judaico (entre os meses de novembro e dezembro do calendário gregoriano) (KARNOF, 1970).

O Talmude determina três maneiras em que as luzes de Hanuká podem ser acesas. A mais tradicional é que se acenda uma por dia, para cada membro da família praticante. Pode-se optar que um membro da família acenda as oito lâmpadas, uma vez ao dia. A Escola de Hillel prega que se acenda uma lâmpada apenas no primeiro dia, acendendo as demais no decorrer da festividade, até chegar à oitava. Já a Escola de Shammai determina o inverso, que se acendam todas as lâmpadas no primeiro dia, apagando-as uma por vez, ao longo dos oito dias. O ritual de acendimento enfatiza que essas luzes são sagradas e não podem ser utilizadas para iluminação comum. Assim adicionou-se uma nona lâmpada, chamada “serva”, que passou a ter a função de iluminação do ambiente nos meses de frio. Com o tempo, a lâmpada serva passou a ser aquela que fornece a luz para as demais, durante a cerimônia (KARNOF, 1970).

A Hanukiá, ou Chanukiá (pl. *Hanukiot*), é um candelabro de nove braços utilizado nas celebrações do Hanuká. A CMEK possui uma dessas belas peças de devoção judaica, em exibição na Sala Inglesa, ao redor de outras peças judaicas de igual relevância (Fig. 1). Todo feito de prata, fundida e repuxada, sua base tem formato retangular, com pés que aludem às patas de um leão, animal símbolo da Tribo e do Reino de Judá. Cada lado da base é decorado com um medalhão floral espiralado, que lembram raios solares. Subindo pela sua haste principal, chega-se aos braços do candelabro. São formados por quatro aros semicirculares, decorados com flores, em toda a sua extensão. Na extremidade de cada aro, vê-se as lamparinas que serão acesas durante todo o festival. No meio da haste principal, entre as lamparinas, percebe-se a lamparina serva. Cada lamparina é adornada com folhas de palma, também um símbolo de Judá, associado com a prosperidade (KARNOF, 1970). Abaixo da lamparina serva, uma placa circular apresenta, em hebraico, uma benção para a celebração do Hanuká. A parte superior da peça apresenta, como decoração, um guerreiro armado de lança e escudo.

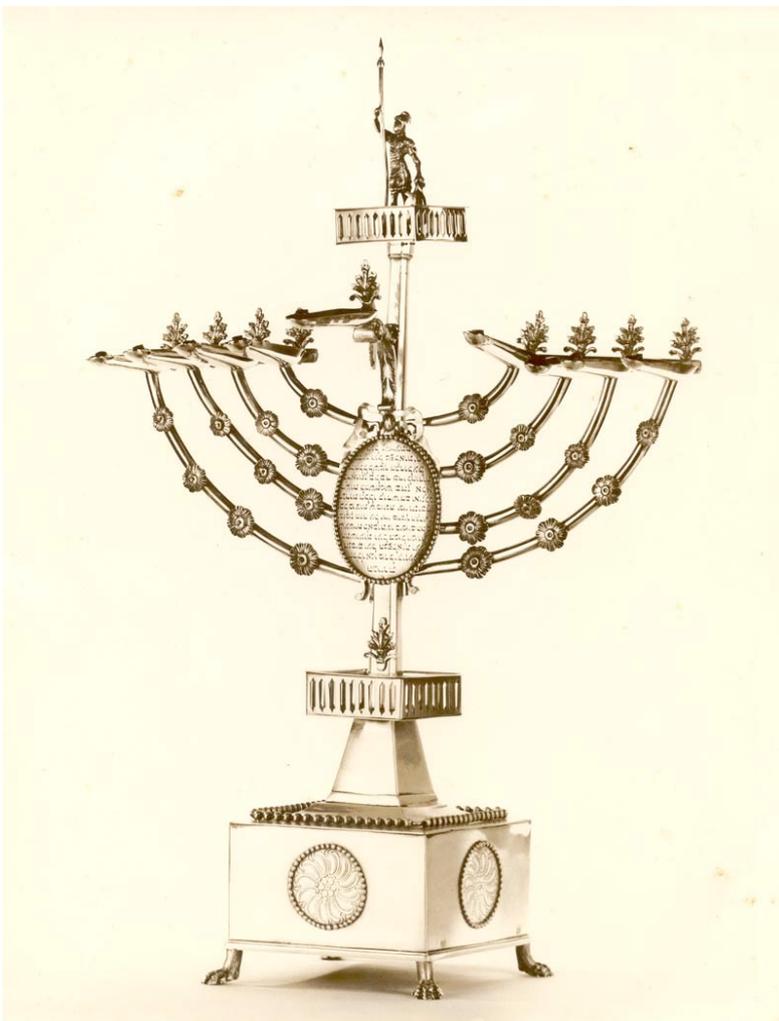


Figura 1

SEM AUTORIA

*Hanukiá* (Menorá de Hanuká), século XVIII

Prata fundida e repuxada

Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

## OUTRAS HANUKIOT E A IMPORTÂNCIA DA LUZ NA TRADIÇÃO JUDAICA

A luz é um elemento muito presente na religião judaica. Foi a primeira criação divina, conforme a narrativa do Gênesis. Sob a luz de um arbusto incandescente, Javé comunicou sua vontade à Moisés. E pela luz de uma coluna de fogo, Ele iluminou e aqueceu o povo judeu em sua peregrinação pelo deserto. A língua hebraica possui três palavras para expressar o sentido de fogo e luz: *esh*, *or* e *ner*. A primeira indica a substância elementar fogo, enquanto a segunda alude ao aspecto funcional do fogo, de fornecer luz. Já a terceira expressa o caráter beneficente da luz, sua origem divina, conforme ordenado no início da criação do mundo. A luz, sendo uma emanção do divino, seria uma lembrança perpétua do cuidado e do favor de Javé, bem como esperança renovada no futuro. São esses elementos que se fazem presentes na cerimônia do Hanuká (KARNOF, 1970).

Prova disso é uma bela Hanukiá em exibição no Museu Judaico de Nova Iorque (Fig. 2). Também de prata, produzida no século XVIII, sua base apresenta quatro discos de metal esmaltado que recontam histórias da vida de Jacó. Sustentando a haste principal da Hanukiá, um grande leão rampante (novamente em alusão à



Figura 2

JOHANN ADAM BOLLER (1679-1732)

Candelabro de Hanuká, c. 1706-1732

Prata e metal esmaltado

Nova Iorque: Museu Judaico (US)



Figura 3

SEM AUTORIA

Candelabro de Hanuká, c. século XIV

Bronze

Paris: Museu de Cluny (FR)

Tribo e ao Reino de Judá), apresenta uma placa onde se inscreve um cervo, também rampante, e um pássaro. O leão e o cervo, juntos, aludem ao ensinamento do Rabbi Judah ben Tema, que instrui o fiel a ser forte como o leão, e gentil como o cervo, no cumprimento dos mandamentos divinos. Entretanto, em ídiche, *Hirsch* (cervo) e *Feigel* (pássaro) são nomes próprios, o que indicaria o nome dos comitentes da peça. As hastes da Hanukiá são decoradas com flores em botão, como que formando uma guirlanda. Na parte superior da haste, acima da lâmpada serva, vê-se uma figura feminina armada, de espada na mão direita e a cabeça de um homem na esquerda. Esta seria uma alusão direta à história de Judite, que decapitou o general assírio Holofernes. Nesse caso, a imagem de Judite estaria associada com a de Judas Macabeu e de sua vitória sobre o general selêucida Nicanor (KARNOF, 1970).

Marc Bloch, em sua *Apologia da História* (2002), dizia que o Cristianismo era uma religião histórica, pois celebrava, em cada ritual, as benesses e vicissitudes da fé. Certamente essa dimensão da memória histórica da religião se faz presente também no judaísmo. Principalmente ao lembrar, conforme exposto no início, que as peças cerimoniais judaicas falam tanto de suas tradições milenares, como também de sua nova vida em suas terras adotivas. Observe-se a Hanukiá francesa, feita de bronze (Fig. 3). A peça, de formato triangular, não possui adornos aparentemente estilizados. As oito lâmpadas da cerimônia encontram-se discretamente na base, enquanto a lâmpada serva eleva-se sobre as outras, no vértice esquerdo. Feita no século XIV, a peça apresenta inequívocas decorações em estilo gótico europeu. Acima das lâmpadas, uma sequência de janelas, como que imitando a forma de vitrais, dão uma certa profundidade para a peça, enfatizando o seu caráter solene. Ocupando

lugar de destaque, um círculo vazado, como que a rosácea de uma catedral, dá real dimensão do período em que foi feita. De forma muito engenhosa, o artesão dessa peça aproxima o caráter simbólico da luz divina, presente tanto na tradição judaica, quanto na cristã (KARNOF, 1970).

Como é sabido, em determinadas ocasiões, as comunidades judaicas no ocidente sofreram diversas perseguições e provações, mesmo com o esforço dessas comunidades em adaptarem-se a uma nova vida junto de outros grupos étnicos e religiosos. A imigração maciça para os Estados Unidos da América, embora também não isenta de percalços, foi a solução encontrada para milhares de judeus perseguidos em seus países de origem. Filha de judeus poloneses e lituanos, a artista plástica Mae Rockland Tupa (1937) nasceu no Bronx, em Nova Iorque, e é fruto desse renovado desejo de pertencimento. Sua obra, *Miss Liberty*, (Fig. 4) é uma Hanukiá na sua essência, porém carrega a forte mensagem da aceitação do diferente e do contraditório na sociedade americana. Uma sequência de oito miniaturas da Estátua da Liberdade enfileira-se sobre uma base, decorada com fragmentos da bandeira estadunidense. Metade das estátuas são postas de frente, mirando o espectador, mas outra metade é posta de costas. Segundo a artista, a alternância simboliza os momentos em que a sociedade estadunidense abraça suas diversidades, e outros em que ela se fecha no seu preconceito (THE JEWISH MUSEUM, 2017).

#### Figura 4

MAE ROCKLAND TUPA (1937)

*Miss Liberty*, 1974

Madeira e plástico

Nova Iorque: Museu Judaico (US)



#### **BIBLIOGRAFIA**

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GUTMANN, Joseph. *Jewish Ceremonial Art*. Nova Iorque: Thomas Yoseloff, 1964.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KARNOF, Abram. *Jewish Ceremonial Art and Religious Observance*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, Inc., 1970.

THE JEWISH MUSEUM. *Miss Liberty and the Swinging Pendulum of Immigration in America*. 19 de outubro de 2017. Disponível em <https://stories.thejewishmuseum.org/miss-liberty-and-the-swinging-pendulum-of-immigration-in-america-a42c656e2b70>.